



De Veneza a Chapecó: crônicas de isolamentos sociais em suas múltiplas experiências¹

Eloisa Rosalen²

Resumo: Este ensaio traz crônicas de quarentena experienciadas de maneiras diferentes durante a pandemia de Covid-19. Trata-se de um misto entre os relatos sobre as diferentes quarentenas que vivi em três cidades diferentes - Veneza, Florianópolis e Chapecó -, as subjetividades que foram mudando ao longo do tempo e as percepções individuais da experiência coletiva, temporal, geracional, de gênero e de classe.

Palavras-Chave: Covid-19. Quarentena. Experiências.

From Venice to Chapecó: chronicles of social isolation in their multiple experiences

Abstract: This essay features quarantine chronicles experienced in different ways during the Covid-19 pandemic. It is a mix between the reports about the different quarantines that I lived in three different cities - Venice, Florianópolis and Chapecó - the subjectivities that have been changing over time and the individual perceptions of the collective experience, temporal, generational, gender and class.

Keywords: Covid-19. Quarantine. Experiences.

Conforme já estava programado, retornei de Veneza na Itália (uma das regiões com maior população afetada pela COVID-19) no dia 27 de fevereiro, onde estava realizando doutorado sanduíche com bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PDSE/CAPES). No momento em que deixei o país italiano, a

¹ Este texto, apesar de não citar diretamente, possui algumas anotações do diário de isolamento social que mantive durante os últimos meses.

² Doutoranda em História da Universidade Federal de Santa Catarina campus Florianópolis com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Durante o período de setembro de 2019 até fevereiro de 2020 realizei doutorado sanduíche na *Università Ca' Foscari Venezia*, Itália, com bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PDSE/CAPES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5125-9969>. E-mail: rosalaneloisa@gmail.com.



cidade de Veneza já estava fechada há alguns dias em função da disseminação da COVID-19. Também já fazia semanas que eu contava os dias para ir embora; estive em Veneza por seis meses, estava cansada do frio e queria muito ver a minha família. A experiência do doutorado sanduíche tinha sido ótima, com inúmeras atividades, muitos contatos com pesquisadores e, também, muitos livros na bagagem.

Nos últimos dias em que estive na Itália, dediquei-me a preparar as malas e aproveitar o carnaval. Mas, a situação havia se tornado atípica: as aglomerações foram canceladas, o que significou o fim do carnaval; já havia a indicação de evitar a circulação; ocorreu o cancelamento de várias atividades coletivas (como aulas, cinema e teatro); e a tensão era muito forte no ar. Lembro muito bem de estarmos no domingo à tarde (umas horas antes do carnaval ser cancelado) na Praça São Marcos e um dos brasileiros do grupo disse “vamos sair daqui porque o clima está tenso”. Não tínhamos a dimensão de como as coisas iriam piorar e não fazíamos ideia do que se tratava; zombávamos do clima e ríamos da vida. Meu sentimento fútil naqueles dias era de que os ingressos que havia comprado para visitar os museus de Praça São Marcos (que era uma atividade que eu gostaria muito de ter feito e que tinha pago caríssimo) não poderiam ser usados em virtude do fechamento dos museus.

Dos quatro dias que ainda me restavam no momento do início do cancelamento das atividades, dois deles fiquei em casa. Eram os meus últimos dias na cidade. Eu queria aproveitar; em um deles caminhei pela cidade, bebi com amigos, comi pizza, encontrei algumas pessoas para me despedir e, em outro, tentei encontrar os últimos *souvenirs* que tinha que trazer (tentativa um pouco frustrada, porque algumas lojas já haviam fechado por conta própria). Viajei com medo, não de estar doente ou de estar levando algo comigo, mas de ser parada no aeroporto em alguma das duas escalas e perder o voo seguinte, principalmente, no aeroporto de Guarulhos, em São Paulo. Nada aconteceu. Nada aconteceu. Nem uma pergunta, medição de temperatura ou alguma frase dita no alto-falante do avião, sobre ter que apresentar-se caso houvesse sintomas de COVID-19. A indicação do monitoramento de brasileiro vindos do exterior (BRASIL, 2020) havia sido estabelecida naqueles dias e os funcionários do aeroporto não me pareciam estar preparados para o assunto; talvez se as determinações tivessem sido mais rígidas muita coisa poderia ter sido evitada.

Segui a vida. Cheguei em Florianópolis no dia 28 de fevereiro. Encontrei pessoas, abracei, fui ao bar, ao salão de beleza, ao supermercado, circulei pela cidade e pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tinha uma tosse que me incomodava desde quando deixei a Itália, mas não considerei que pudesse ser “*grande coisa*”. Com o passar dos dias, foi piorando. No final da semana do dia 07 e 08 de março, passei mal; dormi mal, tive falta de ar. As notícias de coronavírus estavam circulando bastante, o que me deixou ainda mais preocupada. No dia 09 de março, após apresentar alguns sintomas



respiratórios, procurei auxílio médico. Fui diagnosticada como suspeita de ter contraído COVID-19, o que significou isolamento total obrigatório de 14 dias, dedicação exclusiva aos cuidados com a minha saúde e afastamento de todas as atividades acadêmicas. A médica não sabia o que fazer comigo. Enquanto me atendia, ligou para a Secretaria de Saúde de Florianópolis. Também não havia a possibilidade de fazer exames e era o primeiro caso que o Posto de Saúde estava atendendo.

Até aquele momento, eu estava muito tranquila. Assustei-me, na verdade, com a reação das pessoas, quando a médica começou a colocar regras e limites para a minha circulação e me impôs a utilização de máscara. Também senti a tensão quando falei no atendimento no Posto de Saúde sobre os sintomas, a viagem e a possibilidade de estar doente. Ninguém estava usando máscara e foi estranho. Durante os 20 minutos do posto de saúde até a minha casa, momento em que estive na rua de máscara pela primeira vez, todos me olhavam com muita desconfiança. Era um adereço novo, diante de uma situação que poucas pessoas entendiam, e em um momento que o termo “coronavírus” parecia tão distante. Hoje, a utilização de máscara é bastante normal e já assumimos como uma vestimenta do nosso cotidiano. Naquele momento, não era.

Entre em quarentena muito tranquila. Estava sob suspeita. Deveria procurar o médico se os sintomas se agravassem, e como não houve este agravamento pude seguir a minha vida. Sabia que um dia também iria acabar, afinal somente eu estava doente. Não era uma sociedade inteira. O decreto de que o COVID-19 é uma pandemia, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), aconteceu alguns dias depois, no dia 11 de março (CORONAVÍRUS, 2020a). Apenas duas coisas me preocupavam: 1ª.) a ausência de notícias das amigas e amigos que deixei na Itália. O que via nos jornais brasileiros sobre a Itália era bastante preocupante, por isso busquei contato com todas e todos, e também alertei que haviam me posto em isolamento nos 14 dias; e 2ª.) as notificações de pessoas com quem eu tive contato no Brasil: a minha orientadora, uma senhora de quase 70 anos que vive com a sua mãe de 90 anos; as amigas e amigos que havia abraçado; entre outras pessoas. Como estava só sob suspeita, tentei deixar todas e todos calmos com as mensagens.

Naquele momento, percebi que a responsabilidade e o cuidado com os outros deveriam ter sido impostos desde o início e que, se tratando de uma questão de saúde coletiva, eu havia falhando. Apesar de saber que era um dilema coletivo (como, a instauração de medidas governamentais para evitar o contágio), significou uma questão individual dolorosa para mim, já que com algumas ações eu poderia ter dissipado o vírus. Mas, poderia melhorar como ser humano e, por isso, decidi não sair de casa por nada nos 14 dias: uma amiga fazia compras de supermercado e me entregava na porta de casa. E tudo o que eu vi durante este período foi intermediado pela Internet, desde compras às conversas com amigas e familiares. Ao final da quarentena compulsória,



estava cansada de estar sozinha. No entanto, eu sabia que iria acabar e tudo iria voltar à normalidade.

Grande engano. Após o início do período de afastamento total de 14 dias, a situação já era diferente. Iria sair de casa e encontrar um mundo novo lá fora. O governador de Santa Catarina já havia decretado isolamento social³ e a tentativa de retomada das minhas atividades tiveram limitações. Por um lado, estava feliz porque sair da quarentena compulsória e entrar naquela decretada pelo governador me pareceria muito fácil: afinal agora eu poderia escolher a minha própria comida e, de vez em quando, poderia ir ao supermercado. Por outro, o mundo já havia mudado, tudo estava parado, não existiam mais voos e ônibus para eu poder visitar a minha família (algo já programado e que almejava bastante), e falar com amigos em Veneza me deixava em pânico.

Florianópolis havia se tornado o epicentro da doença em Santa Catarina. Por muitas semanas, era a cidade de Santa Catarina que mais registrou casos do COVID-19. Apesar de estar em casa significar vários atrasos na pesquisa, minha condição de classe média com acesso ao ensino superior e bolsista de universidade pública se impôs e meu deu possibilidades de continuar a minha quarentena protegida. Não tive que sair para trabalhar, não corria novos riscos com o trabalho cotidiano, não precisei lidar com a perda do meu emprego ou ameaças relativas. Também não tive que lidar com crianças em casa ou com as múltiplas tarefas entre cozinhar para a família, cuidado de tarefas escolares, e ainda as atividades de trabalho doméstico que assolou muitas mulheres da classe-média trabalhadora (DE PIERO, 2020; ONU MULHERES, 2020).

A tristeza tomou conta depois de algumas semanas. A quarentena e a crise política brasileira se somaram e o único sentimento que mantive foi o do desespero. Tomei uma estafa de tecnologias. Percebi que as pessoas deixaram de se falar tanto: talvez cada uma estivesse curando seus dilemas internos; talvez também não quisessem ouvir os problemas de outras pessoas; ou não conseguissem falar tanto porque estavam passando por outros conflitos existências, que pareciam pesar demais. A rotina entre cozinhar, fazer exercícios diariamente, a intercalação de atividades de lazer (como leitura, filmes e séries, cuidados com as plantas, etc.) e a dedicação aos estudos, que fui mantendo no início da quarentena, foi se desfazendo. O cansaço do isolamento social foi grande e assim passou o mês de abril.

Em maio, as informações que chegaram da Itália foram um pouco melhores e já me deram mais esperança. Depois de ler notícias de que a situação da pandemia não iria se resolver em alguns dias ou semanas⁴ (CORONAVÍRUS, 2020c), decidi que assumiria finalmente o risco e visitaria a minha família em Chapecó. Já, havia recusado caronas pelo medo de ser a

³ Os principais decretos de suspensão de atividades, com nº 509, 515 e 525, do governador do estado de Santa Catarina ocorreram respectivamente nos dias 17 e 23 de março. Determinaram: o fechamento de escolas e do comércio, a suspensão da circulação de ônibus de todas as categorias, entre outras atividades. Para saber mais ver: ESTADO, 2020a; ESTADO, 2020b; ESTADO, 2020c.

⁴ Trata-se da noção de que a pandemia de coronavírus seria endêmica.



transmissora de COVID-19 e estava exausta de estar em casa. Fiz mais de 500 quilômetros de uma ponta a outra do estado de Santa Catarina. Desloquei-me a Chapecó quanto esta cidade se tornou o novo epicentro de COVID-19 do estado, registrando mais de 600 casos (MATTEI, 2020). Era a primeira vez que saí de casa para uma distância maior do que aquela entre a minha casa e o supermercado. Não quis beber água, para não precisar ir ao banheiro em nenhum lugar. Estava entusiasmada com a possibilidade de ver a minha família; afinal, fazia mais de 10 meses que tudo se reduziu às conversas via tecnologia.

Em Chapecó, nova baterias de cuidados. Manter distância de todos, nada de abraços, e conversas curtas. Meu pai já havia desenvolvido uma estratégia para sanar o desejo de dar abraços: encostar os cotovelos de longe era o novo abraço. Apesar do meu pai entender que não poderíamos nos abraçar, ele ainda não via problemas em sair de casa. Meus irmãos me deram a incumbência de colocar algumas rédeas nele. Fácil de falar, difícil de lidar na prática: Como determinar que uma pessoa adulta não pode sair de casa, se o presidente do Brasil está na rua sem máscara e mantém contato com as pessoas? Da mesma maneira, depois de dois dias, minha sobrinha de 10 anos disse de maneira honesta e preocupada: “Tia, eu queria te dar um abraço, mas não pode, né”.

Além da influência negativa do presidente, em Chapecó eu percebi como a percepção do processo muda de acordo com a geração. As categorias de classe, de raça e de gênero foram citadas como diferenciadores das experiências vividas neste período desde o início do isolamento social (BOND, 2020; CÂNDIDO, CAMPOS, 2020; CORONAVÍRUS, 2020b). Mas, a de geração ainda me parece pouco lembrada. Também ouvi poucas discussões nos grandes meios de circulação acerca das deficiências e da sexualidade. As dimensões geracionais me fizeram olhar de outra forma para o isolamento social. Se, para mim e para a minha sobrinha de 10 anos, era fácil distrair-se com filmes e vídeos; para o meu pai, com 70 anos de idade e que havia acabado de ganhar seu primeiro celular, ainda era bastante difícil de convencer-se de que deveria permanecer dentro de casa, sem trabalhar ou sem encontrar as pessoas, porque foi dessa forma que viveu a vida toda.

A cidade de Chapecó tinha tido poucos casos de COVID-19 em abril, muitos ainda não acreditavam nem mesmo na possibilidade de a doença chegar. Mas, depois do grande salto de crescimento dos números (após a abertura do comércio), algumas pessoas passaram a ser mais receosas e outras tantas tiveram que aprender a lidar com a sensação do perigo iminente (que pessoas de outras cidades já tinham vivido em outros momentos). Mas, a julgar pela volta de carro que demos no centro da cidade para fazer compra no supermercado, a percepção era de que tudo seguia; não era um dia normal de trabalho, mais parecia um sábado com uma circulação um pouco mais reduzida.

Neste período de quarentenada (seja em Veneza, Florianópolis ou



Chapecó), aflorou em mim a habilidade de escrever às amigas e aos amigos distantes. Por diferentes motivos, as trocas de correspondências virtuais responderam tanto às ansiedades em saber se as pessoas estavam bem, quanto manteve a mente ocupada ao enviar e receber notícias genéricas e específicas. Com/de Lisboa, Berlim, Treviso, Veneza, São Paulo, João Pessoa, Florianópolis, Chapecó, Porto Alegre, troquei mensagem, e-mails, conversas longas, vídeo-chamadas, sobre os mais diversos assuntos, como, tempo (frio, calor, sol, etc.), saúde dos familiares, situação política no Brasil, como estávamos passando, os decretos que cada país fez e suas cronologias (que não mencionarei aqui), troca de indicações de filmes, livros, textos e também afetos virtuais. Alguns dos e-mails foram lidos e escritos aos prantos; principalmente, os que vinham ou eram endereçados para a Itália com recíprocas notícias da situação política do Brasil e a situação das vítimas e doença em cada um dos dois países. No entanto, foram fundamentais para que não perdesse a esperança e o vínculo diante da imposição do distanciamento social.

As diferentes indicações, da permanência em casa e da vivência da crise sanitária causada pela pandemia de COVID-19, foram experienciadas de maneira diferente nas três cidades em que passei; também houve diferentes etapas (que hoje constituo como sucessão de fatos e avalio de maneira retrospectiva). Questões básicas, para quem trabalha com experiências e suas narrativas, como as condições econômicas, de classe, de deficiência, de geração, de gênero, significaram muito na constituição da experiência (BRAH, 2006, CRENSHAW, 2018; DE MELLO, NUERNBERG, 2012; DINIZ, 2017; DAVIS, 2016; PISCITELLI, 2008, SCOTT, 1995 e 2005; SIRINELLI, 1996.). Também, os diferentes lugares e o momento foram determinantes para que as situações fossem mais ou menos sofridas, suportáveis ou aceitáveis. O que significa dizer que não podemos falar de experiências de quarentena sem pensar as diferentes condições e também as multiplicidades ligadas ao tempo, espaço e temperatura; isto é, são quarentenas e isolamentos no plural, constituídos a partir de diferentes questões contextuais que, apesar de ter uma única determinante, sofreram diversas influências (como busquei expressar na narrativa sobre as diferentes quarentenas que vivi).

Também, como lembra a historiadora Joan Scott (1998, p. 27) “Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência”. Neste momento, constatei uma teoria que levei muito tempo para entender: o quanto as experiências vividas intensamente nos últimos meses me constituíram como sujeito, tanto com ensinamentos, novas maneiras de entender e enxergar a vida, novas formas de me relacionar com outros sujeitos (que também estão constituindo-se nas experiências relatadas aqui de maneira individual, mas vividas de maneira coletiva) quanto com novas práticas cotidianas. Por muito tempo, supervalorizei os agenciamentos, mas, a partir da pandemia de COVID-19, com os vários decretos governamentais e determinações institucionais, entendi de maneira explícita que os sujeitos são



(re)constituídos, e seus agenciamentos são “criado[s] através de situações e posições que lhes são conferidas (SCOTT, 1998, p. 42).

Em outras palavras, ao invés de fazer uma leitura sobre como as experiências dos sujeitos são em si diferentes e agenciadas por cada um durante a quarenta ou durante a pandemia de COVID-19, o que parece mais significativo neste momento acerca das diferentes narrativas (memórias, entrevistas orais, diários, autobiografias, etc.) é pensar como as diferentes experiências nos constituíram como sujeitos e nos deram brechas de agenciamento. Também, pensar como aspectos locais e temporais ajudaram a definir esta experiência de isolamento da população (como as três situações que passei). A partir da definição de que a “experiência é, nessa abordagem, não a origem de nossa explicação, mas aquilo que queremos explicar”, significa que “esse tipo de abordagem não desvaloriza a política ao negar a existência de sujeitos”, ao invés disso “interroga os processos pelos quais sujeitos são criados, e, ao fazê-lo, reconfigura a história e o papel do/ a historiador/ a, e abre novos caminhos para se pensar a mudança” (SCOTT, 1998, p. 51).

Além disso, “os significados das categorias da identidade mudam, e, com eles, as possibilidades para se pensar o “self”” (SCOTT, 1998, p. 44); um aspecto bastante importante para quem se centra em análises das narrativas. Pensar a minha situação só foi possível diante do que foi acontecendo, de novas regras, novas formas de convivência e novos contatos nos diferentes estágios vividos, os diferentes contextos, as condições interseccionais que atravessam o meu corpo e agenciamentos, e o tempo percorrido até aqui. As percepções do meu “self” e da minha identidade nas diferentes quarentenas são muito distintas; na Itália eu era brasileira fazendo as malas e deixando o país sem medo; em Florianópolis eu era a suspeita de COVID-19 trancada dentro de casa e assustada com a vida; em Chapecó eu era a filha estudante universitária que recém havia retornado da Itália e que sabia lidar melhor com o distanciamento social do que a geração mais velha em função de ter me constituindo com as experiências anteriores.

Por último, a conjuntura é ainda muito difícil de mensurar. Ainda não sabemos como terminará toda esta situação no Brasil. Vemos, neste momento, alguns fios de esperança vindo do exterior. Mas, uma coisa é certa: nunca mais seremos os mesmos! Já mudamos a maneira como nos relacionamos e isso recaiu diretamente em nossos afetos e nos nossos corpos, com regras importantes para a não transmissão, a perda de abraços e toque, que sempre foram fundamentais para a nossa sociedade, e o distanciamento social incorporado a nossa cotidianidade. Já nos (re)constituímos como sujeitos em nossa sociedade. Se seremos melhores ou piores, ainda não dá para saber. O que posso pensar e decidir como historiadora é a maneira que irei narrar o que está acontecendo nas diferentes sociedades por meio das compressões temporal e espacial. E, como estudiosa de narrativas (sejam elas orais sejam escritas), pensar como os diferentes sujeitos irão relatar este acontecimento,



tanto de acordo com suas categorias interseccionais de (des)privilégios quanto a partir da forma que se constituíram como sujeitos a partir de diferentes marcos temporais. Mas esta não pode ser uma história sem sentimento, emoções ou vozes dos sujeitos.

Referências

BOND, Letycia. SP: violência contra mulher aumenta 44,9% durante pandemia. **Agência Brasil**, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-04/sp-violencia-contramulher-aumenta-449-durante-pandemia>. Acesso em: 22 abr. 2020.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, v. 26, p. 329-376, jan-jun. 2006

BRASIL vai monitorar passageiros vindos de Itália, França e Alemanha com sintomas de coronavírus. **TERRA**, 24 fev. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/brasil-vai-monitorar-passageiros-vindos-de-italia-franca-e-alemanha-com-sintomas-de-coronavirus,f96f7ed30ef396d52adb9e7a7a0e110f9p2ozt2v.html>. Acesso em: 26 fev. 2020.

CANDIDO, Marcia R; CAMPOS, Luiz A. Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, 14 mai. 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>. Acesso em: 22 mai. 2020.

CORONAVÍRUS: OMS declara pandemia. **BBC**, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51842518>. Acesso em: 13 mar. 2020a.

CORONAVÍRUS é mais letal entre negros no Brasil, apontam dados do Ministério da Saúde. **G1**, 11 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/11/coronavirus-e-mais-letal-entre-negros-no-brasil-apontam-dados-do-ministerio-da-saude.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2020b.

CORONAVÍRUS: o que é um vírus endêmico, como pode se tornar o Sars-Cov-2. **BBC**, 19 mai. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52722190> Acesso em: 20 mai. 2020c.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Ação Educativa**. 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso



em: 10 ago. 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DE MELLO, Anahi. G.; NUERNBERG, Adriano H. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Estudos feministas**, v. 20, n. 3, p. 635–655, dez. 2012.

DE PIERO, Bruno. Mães na quarentena: Isolamento social lança luz sobre desigualdade de gênero na ciência. **Pesquisa Fapesp**, 19 mai. 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/maes-na-quarentena/>. Acesso em: 07 jun. 2020.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

ESTADO DE SANTA CATARINA. **Decreto nº 509**, de 17 de março de 2020. Florianópolis, SC, Disponível em: http://www.doe.sea.sc.gov.br/material2/Edicao_Extra/Jornal_2020_03_17-A_ASS.pdf. Acesso em: 23 mai. 2020a

ESTADO DE SANTA CATARINA. **Decreto nº 525**, de 17 de março de 2020. Florianópolis, SC, Disponível em: https://www.sc.gov.br/images/Secom_Noticias/Documentos/VERS%C3%83O_ASSINADA.pdf. Acesso em: 23 mai. 2020b.

ESTADO DE SANTA CATARINA. **Decreto nº 525**, de 23 de março de 2020. Florianópolis, SC, Disponível em: https://www.sc.gov.br/images/DECRETO_525.pdf. Acesso em: 23 mai. 2020c.

MATTEI, Lauro. A COVID-19 em SC: Chapecó é o Novo Epicentro da Doença no Estado. **Boletim COVID-19 em SC**, n. 2, 18 mai. 2020. Disponível em: <https://noticias.paginas.ufsc.br/files/2020/05/19.05.20-Boletim-n.2.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2020.

ONU MULHERES. Trabalhadoras domésticas remuneradas na América Latina e no Caribe frente à crise do Covid-19. **BRIEF**, América Latina, n. 1.1, p. 1-19, 12 jun. 2020. Disponível em: https://oig.cepal.org/sites/default/files/pt-trabajadoras_del_hogar_portugues-.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e cultura**, v. 11, n. 2, dez. 2008.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, v. 16, p. 297-325, fev. 1998.



SCOTT, Joan W. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-94, jul-dez. 1995.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan. 2005.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p. 131-137.

Como citar este artigo:

ROSALEN, Eloisa. De Veneza a Chapecó: crônicas de isolamentos sociais em suas múltiplas experiências. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 23-32, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.480>

Data de submissão do artigo: 08/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020